

MANUEL DE BOAVENTURA



AMORES MEDIEVAIS

(CONTO DE NATAL)

1960



Com agradecimentos pelas aten-
ções recebidas na reunião de confraternização, realizada em Barcelos, em Setembro findo, aproveita a oportunidade para augurar Boas-festas e felicidades para o próximo 1961. Recontudo abraço

At Boa Ventura

Handwritten text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is extremely faint and illegible due to fading and the age of the paper. It appears to be organized into several lines within a rectangular border.

AMORES MEDIEVAIS

(Conto inspirado na leitura de vetustos alfarrábios)

QUANDO os Senhores Condes-Duques estabeleceram, em definitivo, a sua faustosa Corte, no medieval palácio, que assenta os alicerces «sôbolas arribas do Cávado», em Barcelos,—um ingénuo pajem apaixonou-se, romanescamente, por D. Mécia, bela dama do honor da senhoril,—mas menos bela!—Duquesa.

Porém, o que, tão intensamente ferira a sensibilidade amorosa do mancebo palácio, também «empeceu» certo fidalgo da corte ducal, dotado de ruins e exaltados humores, acirrantes de desenfreado ciúme.

* * *

Era em vésperas de Natal, de um remoto Natal de Cristo, em plena Idade-Média, nos primórdios do Século de Mil e quatro centos! Que longe isso vai!...

Do paço senhorial, certos dos cortezãos, mais doridos da saudade, iriam de visita às famílias, para, em comunhão, celebrarem a festiva consoada, da Noite-Boa, por excelência; e, entre eles, na fila da vanguarda, o esbelto pajem, a quem a mãe, envelhecida e alquebrada, esperava ansiosa. Era o seu benjamim!

Para mais de ano-e-dia, se alongava a ausência: a saudade andava nos olhos e nas almas de mãe e filho.

Antes de partir, porém, outra grande saudade, que aflorava ao apaixonado coração do namorado, chamava-o ao dever de ir despedir-se de quem era todo o enlevo da sua alma juvenil.

Corria num suave prolongamento do outono, a quadra alegre do Natal; e numa noite luarenta, propícia a amores e a serenatas, encon-

traram-se os dois — o ardoroso pajem e o ciumento palaciego — sob a gelosia da gentil dama, nos amplos terraços do palácio senhorial. Os amigos da véspera tornaram-se irreconciliáveis inimigos: o fidalgo irascível puxou da espada, que nem sempre saíria da bainha, a vingar brios ofendidos, e desafiou o enamorado mancebo, para o terreiro do adro, ali à beira.

O pajem cavalheiresco, inflamado pelo amor da gracilosa donzela, aceitou o repto: sacou do espadim, virgem de derrames sangrentos, e resistiu heròicamente, com valor e galhardia, aos botes furiosos do experimentado guerreiro, que travoso ciúme enfurecera. Por momentos o brigão espadachim julgou-se perdido ao ser atingido pelo débil estoque, do destemido e valente moço. Mas, na contenda desigual, a durindana cortou pelo meio o fandeleiro florete, e o jovem palaciano, gravemente ofendido, não poderia resistir aos profundos ferimentos.

Ia morrer! Morria o destemido, que o próprio adversário admirava, sem querer.

Mas era donzel galhardo, de acurada sensibilidade, a quem a cega justiça desamparou, no momento exacto em que se lhe antolhava o triunfo: aceitava sem rancores, nem ressentimentos, os desígnios do Destino, e oferecia a sua vida em holocausto à beldade, por quem morria de amor...

Já no estertor, chamou o adversário vitorioso, para lhe dizer:

— Senhor! Foi talvez um bem tirar-me a vida! Felicito-o pela grão-ventura, que o espera... Mas rogo-lhe que diga a D. Mécia — formosura sem par! — que por ela e por seu amor, morri... E se a maridar,... dê-lhe amor, que iguale este que morre comigo,... que dela o recebi. Assim será feliz... e fará feliz a mais bela das mulheres do Condado!...

E morreu!

* * *

O ciumento pação, respeitoso ante a grandeza da Morte, curvou-se contrito, e beijou a mão flácida do morto, que lhe ministrara altos ensi-

namentos de nobreza, e de ânimo varonil; — no íntimo regozijado, por o cruento sacrifício, daquela vida, lhe outorgar o desejado bem-de-amor. Ufanoso da proeza, que o tornava assassino, foi prostrar-se, vitorioso, aos pés da bela dama, que chorava a morte do moço namorado:

— Senhora! a tanto obriga o amor...

Mas a lacrimosa donzela olhou-o com infinito desprezo, — um desprezo que era asco e repugnância:

— Alongue-se daqui! Saia da beira dos meus tristes olhos!... O seu nefando crime é repulsivo: nem tem o perdão de Deus, nem o dos homens! Matar uma indefesa criança de dezoito anos, que vanglória!... Monstro!... Assassino!... No meu peito secou-se a fonte do amor!

E a bela sem par foi acabar seus dias ao convento.

* * *

Os dias vizinhos do Natal iam decorrendo plácidos, no prolongamento de tardio verão de S. Martinho, aquecidos por débil sol de

inverno. E longe, muito longe das sonhadoras margens do Cávado de encantamento — uma fidalga Dona, desejosa de ternas alegrias, aguardava ansiosa a chegada do filho querido — o seu benjamim — que servia, por donaire e galhardia, a nobre Duquesa — sua Ama e Senhora.

— Viria? Não viria?

Como era dolorosa a demora! Mas o ausente prometera; o regresso à casa paterna deveria estar prestes...

* * *

Era já a Noite de Consoada... Estrépidos e relinchos de cavalos. A gente de casa acorre pressurosa — «É ele;... É ele!...»

À porta de vetusto solar, nos confins do Minho, descavalgou o estafeta, portador da dolorosa notícia:

— Senhora! Não será hoje convosco... Entrou em combate... e...

— Ferido?

— Morto!

À angustiada mãe turbou-se-lhe a vista, deu um grito estertoroso e caiu desamparada. Largo tempo esteve em coma; quando voltou à vida, a demência, que a espreitava, apoderou-se dela e tirou-lhe a memória do passado. Não verteu mais lágrimas, por não ter consciência de ter sido mãe. Feliz na desgraça, por compaixão da Providência...

* * *

Por D. Mécia, e por ardoroso amor, se finou em combate singular, o pajem valoroso e leal, (quem lhe sabe hoje do nome?). E a Formosura-sem-par — por já não ter par — foi morrer na tristeza do convento. Bons tempos! Plena Idade-Média do cavalheirismo, das nobres cavalarias-andantes, que não voltam!

Quem há aí capaz de façanha igual? — Ninguém responde. Só nas sombras medievais do venerando paço ducal foi possível desencantar heróis desta têmpera sentimental, para architectar romance tão romanesco.

Composto e impresso na
TIP. « GIL VICENTE » - BARCELOS

———— Edição da ————
Papellaria - «LIZ» - Livreria
— BARCELOS —